



TELEJORNALISMO BRASILEIRO: O MODELO PADRÃO E OS NOVOS DESAFIOS DA REPORTAGEM TELEVISIVA

Cristiane Peres CANASSA
Comunicação Social – Jornalismo – Faculdade Assis Gurgacz
(FAG). E-MAIL: canassacris@gmail.com

Luiz Carlos SONDA
Professor Orientador.

CANASSA, Cristiane P. *Telejornalismo Brasileiro: o modelo padrão e os novos desafios da reportagem televisiva*. In: **Revista Advérbio**, V.10, N. 21, 2015, p. 133-154.

RESUMO: O presente trabalho faz um relato histórico sobre o telejornalismo brasileiro, especificamente no que diz respeito aos formatos narrativos das reportagens. Através dessa abordagem são identificados os estilos predominantes, desde o radiofônico dos anos iniciais, com os primeiros telejornais na TV Tupi de São Paulo, até o formato padrão de *off*, passagem e sonora, consolidado nos anos 1970 e 1980 pelo Manual de Telejornalismo da Rede Globo e predominante até hoje. Também são abordadas as narrativas consideradas alternativas, como a do “Aqui, Agora,” do SBT, em que os repórteres narravam os fatos no local do acontecimento, as videoreportagens que surgiram no final dos anos 1980, e o estilo documentário da TV Folha. Além do resgate histórico, a análise é feita a partir de um questionário com seis questões dissertativas aplicado à profissionais da área, que acompanharam essa evolução dos produtos telejornalísticos através dos anos. A opinião dos profissionais reflete as mudanças ocorridas e apontam os caminhos que os telejornalistas devem percorrer para continuar inovando e contribuindo para o avanço do telejornalismo, principalmente nos dias atuais, no qual a concorrência com as redes sociais representa um desafio a ser superado.

PALAVRAS-CHAVE: televisão, telejornalismo, reportagem, formatos, narrativas.

1 INTRODUÇÃO

Em 2015, no dia 18 de setembro, a televisão brasileira completa 65 anos. No dia seguinte, 19 de setembro, o telejornalismo brasileiro também faz aniversário, os mesmos 65 anos. É isso mesmo, apenas um dia após a primeira transmissão dos estúdios da TV Tupi de São Paulo, foi ao ar o telejornal “Imagens do Dia”, pioneiro em noticiários televisivos. De lá para cá, o brasileiro nunca ficou sem ser informado pela televisão.

A diferença, entre esses anos todos, está em como essa informação chegou até os telespectadores, principalmente em relação aos formatos e às narrativas das reportagens, que sofreram transformações na medida em que os telejornalistas se adaptaram ao meio, em relação à linguagem e também às evoluções tecnológicas.

O objetivo deste trabalho é fazer um resgate da história do telejornalismo brasileiro, especificamente no que diz respeito aos formatos utilizados pelos profissionais para se comunicar com o público. Desde o estilo radiofônico, adotado nos anos iniciais, até o formato de narrativa considerado padrão atualmente, composto por *off*, passagem e sonora, além de traçar perspectivas para o futuro, com alternativas que possam manter o interesse dos telespectadores pela dinâmica do jornalismo em televisão.

A experiência da Rede Globo de Televisão, que nas décadas de 70 e 80 foi a responsável por consolidar um padrão ao telejornalismo brasileiro, em grande parte inspirado no modelo americano, com a criação de seu Manual de Telejornalismo, serve como parâmetro para o estudo.

Também são abordadas iniciativas como a do “Aqui, Agora”, no SBT dos anos 90, que inaugurou um formato bastante popular, com os repórteres narrando os fatos como se estivessem em transmissões ao vivo, as videoreportagens, que surgiram no final dos anos 80, e o estilo documentário da TV Folha.

Nessa pesquisa, tentaremos, além de identificar os formatos existentes de reportagens, saber de que maneira os telejornalistas estão se adaptando às mudanças. Para tanto, foram entrevistados nove profissionais que trabalham na área, alguns com mais de 30 anos de experiência, como Vera Íris Paternostro e Dulcinéia Novaes, e outros recém-iniciados na profissão, com uma visão muito mais recente sobre o telejornalismo.

“Daquela data até hoje, o telejornalismo foi conquistando o público brasileiro e se adequando às novas tecnologias e às necessidades do público-alvo.” (MELLO, 2009). A busca por narrativas ou formatos jornalísticos inovadores é uma constante no meio telejornalístico e agora continua, com os profissionais tendo que se adaptar a um cenário construído por evoluções tecnológicas, como a facilidade de captação de imagens e áudio, entre outras, mas principalmente pelo impacto provocado pela internet, que mudou o perfil da audiência.

Esta pesquisa então pretende ser um campo de discussão para que acadêmicos de jornalismo e profissionais da comunicação possam entender essa evolução e também sobre como é produzido um material jornalístico na televisão atual, com opiniões de profissionais que atuam na área e que possam, com a experiência que estão vivenciando, contribuir para o avanço do telejornalismo enquanto meio de comunicação de massa.

2 UM DIA, A TV

Dia 18 de setembro de 1950, uma data que tinha tudo para ser histórica no Brasil. E foi. Nesse dia, o jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, conhecido como Chatô, dono de uma cadeia de jornais e emissoras de rádio espalhada por todo o país – os Diários Associados – inaugurava o que prometia ser a grande novidade para mudar a rotina em milhões de lares brasileiros: a televisão. Para comemorar o feito, Chatô convocou empresários, autoridades e políticos para acompanhar a estreia durante um jantar, nas dependências do Jockey Club de São Paulo.

As sete em ponto, como tinha sido marcado, o salão do restaurante do Jockey Club fervilhava de gente. Em pontos estratégicos da cidade foram instalados 22 receptores nas vitrinas das dezessete lojas revendedoras de televisores, em quatro bares e no

saguão dos Diários Associados, na rua Sete de Abril. No estúdio também estava tudo preparado: as três câmeras que iam transmitir o primeiro programa estavam prontas, e no chão as marcações com giz indicavam onde cada artista deveria se colocar. (MORAIS, 2011, p. 427).

Se no Jockey Club a expectativa era grande, no prédio onde estava sendo inaugurada a PRF-3, TV Tupi de São Paulo, era ainda maior. O programa que marcaria o início das transmissões da TV brasileira era o “TV na Tabá”, conduzido por Cassiano Gabus Mendes, com artistas como Mazzaropi, Walter Foster, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lima Duarte, Wilma Bentivegna e Lolita Rodrigues, entre outros (Paternostro,1999).

Quando tudo parecia pronto, um imprevisto. Paternostro (1999) relata que houve um atraso e os telespectadores tiveram que aguardar a estreia por cerca de 40 minutos. “Segundo consta, uma das câmeras quebrou e o técnico norte-americano que orientava os trabalhos não estava naquele momento” (PARTENOSTRO, 1999 p. 29). De acordo com Moraes (2011), quando o técnico contratado para acompanhar a instalação da TV no Brasil soube do problema, imediatamente ordenou o cancelamento da transmissão. Mas, nesse momento, entrou em cena a capacidade de improvisação da equipe criada por Assis Chateaubriand.

Cassiano Gabus Mendes simplesmente ignorou o que o norte-americano ordenava. Chamou Alderighi e Jorge Edo, deu ordens para que fosse feito um novo *link* que pusesse para funcionar as câmeras boas, pegou um microfone e anunciou: - Pessoal! esqueçam tudo o que foi ensaiado nos últimos meses. Não vale mais nada daquilo. Vocês vão fazendo o que eu for mandando e o programa vai ao ar agora. (MORAIS, 2011, p. 428).

E foi assim, na base do improviso, que a primeira estação de televisão da América Latina, a quarta em todo o mundo (apenas EUA, Inglaterra e França possuíam emissoras de TV), foi inaugurada. Walther Obermuller, o técnico norte-americano contratado por Chatô, registrou assim sua impressão sobre o momento: “Quando vocês forem escrever a história da televisão no Brasil, vão ter que dizer que no dia da estreia certamente havia mais gente atrás das câmeras do que diante dos receptores”. (MORAIS, 2011, p. 429).

Obermuller se referia à escassez de aparelhos de televisão no país e também ao excesso de pessoas atrás das câmeras, ansiosas por conhecer o novo meio de comunicação. Valim (1998) registra que a iniciativa de Chateaubriand foi um sucesso, mas ressalta que “as pessoas envolvidas no projeto trabalharam durante semanas para a inauguração e agora tinham apenas um dia para a preparação da programação do dia seguinte”.

3 NO OUTRO DIA, O TELEJORNALISMO

O dia 19 de setembro de 1950, praticamente 24 horas após a inauguração da TV no Brasil, também foi uma data histórica: marcou a estreia do primeiro telejornal brasileiro, o “Imagens do Dia”. O clima de euforia da inauguração da emissora mal havia se dissipado, quando o radialista Rui Resende sentou na bancada e, como se estivesse numa emissora de rádio, narrou os acontecimentos do dia.

Com locução em *off*, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

Vale lembrar que nesse tempo não existia o vídeo-tape e toda a programação era feita ao vivo, o que aumentava a dificuldade de fazer televisão. “Imagens do Dia” durou um ano e em seu lugar entrou o “Telenotícias Panair”, que, segundo Paternostro, era um telejornal pontual que ia ao ar às nove e meia da noite. Além do estilo radiofônico, outra característica dos telejornais eram os nomes quase sempre vinculados às marcas das empresas patrocinadoras. “Nos primeiros tempos da TV brasileira, como os anunciantes compravam os espaços, os programas recebiam o nome do seu patrocinador [...]”. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

Assim, em 1953, a TV Tupi lançou aquele que seria um dos mais importantes telejornais da história da TV brasileira: o “Repórter Esso”, noticiário que já fazia sucesso no rádio. O “Repórter Esso” começou a ser exibido em São Paulo, dirigido e apresentado por Kalil Filho e, no ano seguinte, passou a ser produzido também no Rio de Janeiro, com direção e apresentação de Gontijo Teodoro. O novo telejornal “se firmou por muitos anos no horário nobre da noite. Seu conteúdo abrangia o noticiário nacional e internacional, veiculado inclusive por meio de filmes” (REZENDE, 2000, p. 106).

Se, por um lado, os telejornais começavam a conquistar o público, de outro os pioneiros do telejornalismo enfrentavam as dificuldades de lidar com uma tecnologia ainda desconhecida. Sobre a estrutura dos noticiários, Rezende afirma que “todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador (LIMA apud REZENDE, 2000, p. 107). Já no início se notava a dificuldade de executar um telejornal: “[...] os telejornais eram produzidos precariamente e careciam de um nível mínimo de qualidade” (REZENDE, 2000, p. 106). Mauricio Loureiro Gama, que apresentava o programa “Em Dia

com a Política”, na TV Tupi de São Paulo, lembra as primeiras participações nos noticiários da televisão: “Não tinha elenco, produtor do jornal. Eu produzia, eu datilografava, eu dizia, era tudo eu” (ALVES, 2008, p. 148).

Além das dificuldades técnicas e operacionais, os jornalistas ainda enfrentavam o desconhecimento sobre o estilo do texto e a forma como se comunicar com o público. O formato radiofônico predominava, mas os próprios telespectadores já se manifestavam. Loureiro Gama conta que percebeu que alguma coisa não estava sendo feita de forma correta nos telejornais quando, no dia seguinte à apresentação de uma de suas crônicas, foi abordado na rua por uma telespectadora:

Eu estava descendo a rua Marconi, e já entrando na rua 7 de Abril, onde eram os Diários Associados, quando uma mulher de cinquenta e poucos anos, simpática, me parou e disse: ‘Eu vi o senhor ontem na televisão. Eu o reconheço porque o senhor tem cabelos grisalhos. Mas eu quero dizer que o senhor é um homem insolente’. Eu me espantei. Insolente, como? ‘O senhor não me consultou. O senhor poderia ter trocado ideias comigo e não fez nada disso’. Mas como é que eu podia fazer isso? É televisão! E a mulher disse: ‘Perguntando: o senhor gostou? E a senhora, o que pensa sobre isso? Enfim, olhando para mim, que estava olhando para o senhor. Eu sei o que digo. Eu morei em Nova York e sei como fazem televisão’. (ALVES, 2008, p. 148)

Loureiro Gama foi para casa pensando no que a mulher havia falado e refez a crônica que apresentaria naquela noite.

Rasguei a crônica que tinha feito para aquela noite e pensei, pensei... Mandei colocar uma máquina de escrever no estúdio. Decorei toda a minha crônica. Fingi que estava acabando de escrever, tirei o papel da máquina e conversei com o telespectador sobre o assunto da crônica. Foi uma beleza. Todos gostaram. (ALVES, 2008, p. 148)

No dia seguinte, Loureiro Gama foi convocado pelo chefe, o dono da TV Tupi, Assis Chateaubriand, que o chamou a um canto e disse: “Parabéns. O senhor foi o único que entendeu como se faz televisão” (ALVES, 2008, p. 148).

4 A PROCURA POR UM ESTILO

De acordo com Paternostro (1999), o próprio “Repórter Esso” já apresentava sinais de que um novo estilo de linguagem estava em construção e que os jornalistas haviam percebido que a televisão tinha características próprias, que a tornavam diferente do rádio, o veículo mais popular da época. Os apresentadores Kalil Filho e Gontijo Teodoro, “eram conhecidos locutores

de rádio, mas já começavam a esboçar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, o texto era objetivo, o apresentador enquadrado em plano americano...” (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

Essa busca por um estilo de fazer jornalismo na televisão foi sendo marcada por experiências, como a do primeiro telejornal vespertino, o “Edição Extra”, na TV Tupi de São Paulo, apresentado por Maurício Loureiro Gama, que lançou a figura do repórter de televisão, exercida por José Carlos de Moraes, conhecido como Tico-Tico. Em 1962, foi a vez da TV Excelsior colocar no ar um noticiário que marcaria outro momento importante na história do telejornalismo brasileiro: o “Jornal de Vanguarda”, que apresentava um formato inovador, no qual cronistas eram divididos por editorias e os jornalistas eram produtores e apresentadores. O telejornal obteve muito sucesso na época e os profissionais não eram todos oriundos do rádio, mas também dos jornais impressos (PATERNOSTRO, 1999 p. 35).

A evolução dos formatos e das narrativas foi marcada definitivamente no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando observou-se uma nova fase no telejornalismo brasileiro, com a estreia do “Jornal Nacional” e o fim do “Repórter Esso”. Segundo Rezende (2000), nesse período o Brasil ingressava na era da comunicação por satélite, o que possibilitava a formação de redes de TV. Essa tendência foi percebida pela emergente TV Globo, criada por Roberto Marinho em 1965, como relata o então diretor da emissora, Walter Clarck.

Esse esforço de expansão rápida da rede é que explica o surgimento do Jornal Nacional, em 1º de setembro de 1969, o primeiro programa em rede nacional da televisão brasileira. Nós precisávamos de um programa diário, que entrasse ao vivo em vários estados, para estimular outras emissoras a se afiliarem à Rede Globo. Com mais emissoras, podíamos oferecer aos nossos clientes a audiência de outras praças, cobrando mais caro por isso. E, obviamente, não havia nenhum programa de TV diário melhor para fazer essa integração nacional do que um telejornal. (PRIOLLI, 2000, p. 213).

Clarck registrou que o Jornal Nacional, que se tornaria fenômeno em audiência, não teve um autor propriamente dito, mas foi fruto da discussão entre toda a equipe da TV Globo. O curioso, segundo ele, é que Armando Nogueira, tido hoje como o grande mentor do Jornal Nacional, era contra a ideia, argumentando que “as praças não têm o mesmo padrão técnico que nós temos, o equipamento é ruim, as equipes são fracas. As matérias não serão boas, isso vai desmoralizar o jornal” (PRIOLLI, 2000, p. 213). Posicionamento que era bem diferente do então diretor da Globo, Walter Clarck:

Nós vamos criar um grande impacto, Armando. Vai ser o primeiro jornal nacional do país, isso vai ser um estouro. Os problemas técnicos você resolve com o tempo! Os

caras mandam a matéria antes, você edita do jeito que quiser e depois põe no ar. Mas vamos pôr esse negócio para funcionar! (PRIOLLI, 2000, p. 213).

E a TV Globo realmente colocou o “negócio” para funcionar. Lins da Silva (1985) diz que o surgimento do JN marcou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira.

Primeiro, por iniciar a era do jornal em rede nacional até então inédito entre nós. Depois, por consolidar um modelo de *timing* da informação em que a fragmentação dos fatos em espaços de tempos curtíssimos e a obsessão pelo o que ocorre “agora” é tão grande que chega ao ponto de quase eliminar informações de *background* que ajudariam o espectador a localizar-se e transformar o noticiário numa espécie de telenovela de fatos reais na qual o espectador que perde um dia do “enredo” sente dificuldades de situar-se diante deles no dia seguinte porque as informações pressupõem a audiência do programa da véspera. Terceiro, porque consagrou um estilo de apresentação visual requintado e frio, pretensamente objetivo, em que o locutor mostra-se formal e distante e os efeitos especiais e teipes têm informação decisiva, como nunca até então no telejornalismo brasileiro. Quarto, pela extensão dos assuntos abrangidos, com a instalação de escritório até no exterior, correspondentes em diversos países e em praticamente todos os estados. Finalmente, por ter-se transformado no principal e, na maioria dos casos, único meio de informação dos brasileiros, sua ponte com o País e o mundo; uma ponte trôpega e enganadora, como qualquer análise crítica mais rigorosa demonstrará, mas – em função do virtual monopólio – de fundamental importância para o país. (LINS DA SILVA, 1985 p. 38).

Com a consolidação do “Jornal Nacional” e os demais produtos da TV Globo, como o “Bom Dia São Paulo”, de 1977, que seguiram o mesmo método do “fazer telejornalístico”, criou-se o que Squirra (1993) define como padrão de produção, que é a criação de rotinas internas e de equipes capazes de realizar a nível industrial, isto é, com regularidade e frequência, programas que atendem diversas áreas, com um mínimo de qualidade técnica e estética. Foi o que a TV Globo conseguiu, formar esse padrão.

5 O FORMATO PADRÃO DE REPORTAGEM

Chegar a um formato padrão não foi tarefa fácil, que se estabeleceu da noite para o dia. O “Jornal Nacional” foi o ponto de partida. “O estilo de linguagem e narrativa e a figura do repórter de vídeo tinham os telejornais americanos como modelo” (PATERNOSTRO, 1999 p. 36). Foi o próprio Armando Nogueira, que comandou o jornalismo da TV Globo de 1966 a 1990, quem deu início a esse trabalho, com a criação do Manual de Telejornalismo da Rede Globo, encomendado por ele.

A fonte de inspiração para esse modelo que atribui lugar de comando ao código das imagens é o manual de telejornalismo da Rede Globo de Televisão que, por sua vez, se espelha nas normas do *Television News*, receituário do telejornalismo norte-americano que a TV brasileira adaptou à nossa realidade. (REZENDE, 2000 p. 44).

De acordo com Squirra (1993), a Central Globo de Jornalismo começou a refletir sobre os modelos adotados e produziu encontros para discutir o telejornalismo, a partir de 1980, que deram origem a textos produzidos por jornalistas da emissora. “Em seguida, essa pequena apostila foi aperfeiçoada e deu origem ao Manual de Telejornalismo, publicado em 1985” (SQUIRRA, 1993, p. 25).

O Manual, utilizado até hoje pelos jornalistas da Rede Globo, nas mais diversas praças e regiões do país, estabeleceu as regras para o uso do texto em harmonia com a imagem.

Respeitar a palavra é muito importante no texto de televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO apud REZENDE, 2000, p. 44)

Dessa forma, juntando a experiência dos desbravadores do telejornalismo à contribuição dos profissionais que se incorporavam ao meio cada vez mais popular, foi sendo construído o formato padrão das reportagens para a televisão, presente e predominante nos telejornais de todas as emissoras, de todas as redes, até os dias de hoje.

6 O OFF, A PASSAGEM E A SONORA

Para Rezende, o cuidado com a forma de apresentação das notícias, presente no telejornalismo da Globo, demonstrava a busca dos profissionais da emissora por se adequar às potencialidades da linguagem de televisão.

Claro que não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente *timing* texto e imagem. (PIGNATARI apud REZENDE, 2000, p. 113).

Em abril de 2015, na comemoração dos 50 anos da Rede Globo, foi possível constatar essa transformação comandada pela TV Globo, apontada por Pignatari e citada por Resende. O Jornal Nacional produziu uma série especial em que relembrou os momentos mais importantes da história do telejornal. Reportagens antigas foram exibidas e uma mesa redonda formada pelos jornalistas mais experientes da emissora, como Sandra Passarinho, Francisco José, Glória Maria, entre outros, comentava os acontecimentos e também a evolução da linguagem e dos formatos de reportagem.

Quem assistiu à série, disponível em <http://especial.g1.globo.com/jornal-nacional/50-anos-de-jornalismo/>, pode perceber que com o passar dos anos a postura dos repórteres e apresentadores mudou, “evoluindo do estilo formal para o estilo mais natural possível”, como o próprio apresentador do JN, Willian Bonner, reparou. Além disso, avanços tecnológicos foram responsáveis por uma série de transformações em cenários e posicionamento de repórteres e apresentadores.

É possível ainda identificar o objeto de estudo da presente pesquisa, que é o surgimento do que hoje se costuma chamar de formato padrão de uma reportagem de televisão: *off*, passagem e sonora. Não se tem o registro exato de quando esse modelo padrão de reportagem passou a vigorar. Supõe-se que ele seja uma evolução natural da narrativa telejornalística.

Em 1987, dois anos após a publicação do Manual de Telejornalismo da Rede Globo, a jornalista Vera Íris Paternostro, funcionária da emissora, lançou o livro “O Texto na TV – Manual de Telejornalismo”, a primeira obra literária dedicada exclusivamente às técnicas do jornalismo para a televisão. Foi Paternostro quem documentou os termos que já faziam parte da rotina de produção nas redações das emissoras de TV e que passaram então a ser objeto de estudo dos cursos de jornalismo por todo o país.

O livro demonstra que para exibir as notícias na TV, os formatos devem partir do mais simples ao mais completo, tais como: nota ao vivo (notícia lida pelo apresentador do telejornal sem qualquer imagem de ilustração); nota coberta (notícia narrada pelo apresentador ou pelo repórter coberta com imagens); *stand-up* ou boletim (resumo de um fato gravado pelo próprio repórter no local do acontecimento, depois dele ter checado as primeiras informações); reportagem (considerada a mais completa, com *off* – texto lido pelo repórter, sonora – fala do entrevistado, e passagem – gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. Percebe-se que já havia uma regra para a produção, rotinas que os jornalistas seguiam e que tornavam os processos produtivos mais eficazes.

7 A BUSCA POR ALTERNATIVAS

Existe um modelo que se deve seguir quando se faz uma reportagem, que segundo Nodari (2006), é: *off* + passagem + sonora. Esses três elementos são essenciais para compreender a codificação do telejornal.

Essa definição feita por Nodari quase 30 anos depois de o modelo ter se estabelecido, mostra como esse estilo padrão de reportagem se tornou predominante na produção telejornalística. Basta comparar qualquer reportagem feita no início dos anos 80 com outra produzida hoje para percebermos mudanças técnicas – de qualidade de áudio e vídeo – mas com a presença dos três elementos que definem o padrão de reportagem: *off*, passagem e sonora.

Isso não significa, porém, que não houve tentativas de inovação dessas narrativas. Em 1991, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de Silvio Santos, lançou o polêmico telejornal “Aqui, Agora”, conhecido por bordões como “um jornal vibrante, que mostra, na tevê, a vida como ela é”. O telejornal praticava um jornalismo mais popular, sensacionalista até, mas com inovações no formato, com o uso de plano-sequência e os repórteres narrando o fato no local da gravação, evitando a edição de imagens e áudio.

Chegou a alcançar 31 pontos de Ibope, em 1992, em São Paulo. Teve, no ano seguinte, duas edições diárias, de segunda a sábado. Não conseguiu reprisar o seu êxito de audiência em faturamento publicitário. Foi tirado do ar no primeiro semestre de 1997; voltou no segundo semestre, com a ancoragem de Ney Gonçalves Dias, mas não durou seis meses (RAMOS, 1998, p. 114).

Outro formato de narrativa telejornalística experimentado pelas emissoras de TV foi a videoreportagem, a reportagem feita por um único profissional. Segundo BARBEIRO E LIMA (2002), é a possibilidade de produzir reportagens num formato diferente do tradicional *off*-passagem-sonora.

O *off* da matéria desaparece e dá lugar a uma narração dos fatos que estão sendo filmados e a história que ele pretende contar, e tem quase sempre um tom coloquial. O repórter conversa com o telespectador, procurando estabelecer uma cumplicidade com ele, o que aproxima mais os dois. O telespectador acompanha junto com o repórter o desenrolar da história sem que ninguém apareça na frente da câmera para contar uma parte, como nas reportagens tradicionais. A passagem, geralmente, é uma forma de reafirmar o local onde a história transcorre. Na videoreportagem a história transcorre toda, ou quase toda, no cenário em que aconteceu. (BARBEIRO E LIMA, 2002, p. 74).

“No Brasil, a primeira experiência que se tem registro com videoreportagem foi em 1987, na TV Gazeta, de São Paulo. Sem recursos para contratar várias equipes, a solução

encontrada pelo diretor da TV MIX, Fernando Meirelles, foi criar o videoreporter” (THOMAZ, 2006, p. 93). Em 1995 o formato foi incorporado pela TV Cultura, também de São Paulo. Embora seja apontado como uma solução para a redução de custos de produção das emissoras, o formato de videoreportagem não se firmou, havendo atualmente poucas experiências em andamento.

Em 2012, foi lançada a TV Folha, o formato audiovisual do Jornal Folha de S. Paulo, também considerado exemplo de tentativa de um novo formato em telejornalismo. A produção é feita pela mesma equipe que faz o jornal impresso. O noticiário, que antes tinha espaço somente em um canal no *YouTube*, hoje é exibido também pela TV Cultura. Segundo MARTINS (2012), o programa é composto por três blocos, além dos profissionais das redações de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, têm também os correspondentes nacionais e internacionais. “Quanto à captação de imagens, é feita por fotógrafos da FSP, que utilizam as mesmas câmeras fotográficas adotadas no impresso” (MARTINS, 2012, p.103). O que caracteriza a TV Folha é uma narrativa com poucos *offs*.

Outro diferencial na linguagem adotada pela TV Folha é garantido pela edição, feita de forma dinâmica, intercalando imagens em movimento com imagens fotográficas, gráficos e artes, bem ao estilo da FSP. E a sonorização também é marcante. Esses elementos dão às reportagens do programa um tratamento estético que as aproxima de documentários. (MARTINS, 2012, p.103).

Esses três formatos – a narrativa em plano-sequência do “Aqui, Agora”, as videoreportagens e o estilo documentário da TV Folha – foram identificados por esta pesquisa como alternativas ao padrão de reportagem composto por *off*, passagem e sonora. O próximo passo, agora, é saber de profissionais que trabalham com o telejornalismo, que reflexões eles fazem a respeito dessas possibilidades e da utilização desses estilos no dia a dia dos telejornais.

8 A OPINIÃO DOS PROFISSIONAIS

Para seguir com a pesquisa, e conhecer a opinião daqueles que trabalham com o telejornalismo, foi realizado um questionário com dez profissionais da área, sendo eles: **Vera Iris Paternostro** – Gerente de Desenvolvimento e Direitos Musicais da DGJE (Direção Geral de Jornalismo e Esporte), na TV Globo/RJ; **Sandra Passarinho** – Repórter da TV Globo/RJ; **Mira Graçano** – Proprietária da Empresa “Mira Graçano Comunicação”; **Dulcinéia Novaes** – Repórter da Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV); **Fernando Rodrigues** – Gerente de

Jornalismo da Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV); **Mariana Fontanelli** – Editora de Textos do Jornal Hoje, TV Globo/RJ; **Herivelto Oliveira** – Jornalista ex-apresentador do Paraná no Ar, da RICTV/PR; **Izabelle Ferrari** - repórter da Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV); **Mariana Dourado** – Editora da Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV); e **Gelson Negrão** – Coordenador de Jornalismo, produtor e apresentador no SBT de Londrina (TV Iguaçu).

Os profissionais responderam a seis questões referentes às rotinas de produção no telejornalismo, à estrutura padrão da reportagem/apresentação e também sobre o grau de influência desse formato padrão nos índices de audiência dos telejornais de hoje. Na sequência do trabalho, são apresentados os trechos mais relevantes para cada questionamento feito:

1) Desde o início de seu trabalho, quais alterações nas rotinas de produção do telejornalismo você considera mais importantes?

Vera Íris Paternostro, que começou a trabalhar com tv em 1974, faz um relato completo. “Como disse, comecei no filme branco e preto, mudo. A velocidade de se captar uma matéria e colocar no ar era jurássica. Pelo menos 40 minutos, depois do retorno à emissora, a espera da revelação para então montar na moviola e ir para o ar. Depois, veio o filme colorido e sonoro. Um luxo. Mas a chegada do VT foi fundamental para dar velocidade e imediatismo. A edição se tornou rápida e muito mais atraente. Bem mais tarde, depois da diminuição do tamanho da câmera, o telejornalismo se tornou quase o que vemos hoje. E a tecnologia, cada vez mais aprimorada trouxe a vantagem de colocarmos no ar os fatos que tinham acabado de acontecer. A entrada da informatização nas redações foi outro momento importante. Trabalhei anos com máquina de escrever mecânica e a chegada do computador foi fundamental para textos exibidos em segundos, depois de escritos. Hoje, vemos a revolução na captação como um fator primordial ao dia a dia. As entradas ao vivo de equipamentos que transmitem, por todo o mundo, com zero erro, dão ao telejornalismo a proximidade dos fatos como nunca se viu antes. A China é aqui.”

Dulcinéia Novaes, 34 anos de profissão, também cita a evolução dos equipamentos. “Foram muitas as mudanças, principalmente tecnológicas. Antigamente trabalhávamos com fitas U-Matic, depois em formato um pouco menor, as fitas Beta, e equipamentos compatíveis. Agora nossas câmeras são iguais a computadores e utilizam discos ópticos, com tecnologia digital. Na redação, evoluímos da máquina de escrever, passando pelas máquinas elétricas e hoje utilizamos softwares específicos para computadores, com editor de texto e imagem. Nas máquinas da

redação temos acesso às imagens, inseridas num provedor. Ao escrever um texto, o software já nos dá o tempo estimado daquela reportagem”.

Gelson Negrão, 23 anos de profissão, vai mais além. “A tecnologia transformou a maneira como produzimos e exibimos conteúdo jornalístico. Micro-ondas, equipamentos portáteis para transmissões via satélite, edição, finalização, a evolução das câmeras portáteis, micro-câmeras, redes de dados, fibra óptica, smartphones, drones, etc. A ‘profissionalização’ da pauta, a regionalização da cobertura, a qualificação das produções e dos profissionais, entre outros fatores, elevaram o telejornalismo a outro patamar”. Sandra Passarinho, 46 anos trabalhando com telejornalismo, diz que, “a migração do filme para o vídeo tornou o jornalismo em tv mais rápido, e a partir daí, a tecnologia de captação e difusão de imagens e som foi se sofisticando”.

Mira Graçano, 26 anos de telejornalismo, aponta outro tipo de mudança, não apenas tecnológica. “Outro fator que considero uma grande mudança é a necessidade do jornalista multiplataforma, que deve entender de todo o processo de produção da notícia – seja pauta, edição, reportagem, etc. – nos mais diversos meios”. Visão compartilhada por Mariana Fontanelli, 13 anos de profissão. “Em algumas redações, os editores de texto passaram a editar as imagens das suas reportagens. Há casos em que eles também são responsáveis por postar na internet a matéria pronta”. Mariana Fontanelli afirma também que o telespectador está sendo um colaborador nos telejornais. “A inclusão de imagens do telespectador em praticamente todos os telejornais locais também foi uma grande mudança. O telespectador é o maior colaborador da tv de hoje”.

2) Em relação à estrutura padrão de uma reportagem – off, passagem e sonora – aconteceram mudanças desde o início de seu trabalho até o momento atual?

Para Vera Íris Paternostro, “a reportagem básica, de *hard news*, do dia a dia, precisa ainda dessa estrutura para ir ao ar de forma clara e objetiva.” Fernando Rodrigues, 31 anos de profissão, não vê mudanças significativas. “O modelo continua o mesmo, todo mundo usa. As tentativas de mudar isso, válidas e necessárias, ainda não dominam a cena.” Mariana Dourado, editora de telejornal desde 2011, lembra que muitas tentativas tem sido feitas, “contudo, nenhuma delas substituiu por completo a estrutura padrão de off, passagem e sonora; porque em termos de rotina produtiva, considerando a agilidade e a versatilidade, essa ainda é a estrutura que

melhor se adapta ao telejornalismo diário na maioria das produções.” Mariana Fontanelli acrescenta que “há fases em que vira ‘moda’ abrir com sonora, ou fazer plano sequência, ou deixar tudo na voz do entrevistado, em caso de reportagens especiais. Mas a antiga receita ainda vale, não passou por grandes mudanças.”

Izabelle Ferrari, 15 anos de reportagem, acredita em mudanças. “A estrutura da reportagem mudou e ainda está mudando. Estamos tentando nos afastar desse padrão, começar com passagem, com abre áudio, com sonora. Já se permite mais de uma passagem no vt, além de outras intervenções curtas do repórter. Muitas vezes, separamos uma imagem, uma sonora importante e damos em separado.” Opinião parecida com a de Gelson Negrão. “Hoje as nossas reportagens valorizam mais o áudio direto, o sobe som, o plano sequência, a sonorização, os depoimentos intercortados por imagens e outras variações de linguagem.”

3) Alguns repórteres têm optado por um estilo diferente de fechar uma reportagem, narrando os fatos no próprio local da notícia, quase sempre em forma de passagens. Você considera esse estilo eficiente, inovador?

Para Vera Íris, esse estilo é “importante e fundamental para o entendimento da notícia. Quanto mais narrarmos *in loco*, mais próximos estaremos da notícia.” Dulcinéia Novaes concorda. “Se o assunto permite, é um formato bastante versátil e que funciona.” E Izabelle Ferrari complementa. “Considero o novo estilo eficiente em vários aspectos. Por estar no lugar dos fatos no momento da narração, o repórter imprime muito mais verdade ao que diz; esse jeito de fazer reportagem facilita e agiliza o trabalho da edição, portanto também é um bom recurso para materiais que chegam em cima da hora.”

Para Mariana Dourado, esse estilo, “discursivamente, representa o ‘eu’ repórter interpelando o público, “olhando no olho” do telespectador, interagindo, levando ele aos lugares, conversando com ele”. Mariana Fontanelli cita um exemplo e faz uma ressalva. “Aqui no Rio temos um quadro chamado RJ móvel que é feito sem off, só com a participação do repórter e sonoras dos moradores. É um sucesso, principalmente porque a repórter Susana Napolini sabe ser popular. Não é todo repórter que se sai bem nesse tipo de reportagem. Ele não pode querer aparecer mais que o assunto de que está falando.”

4) Você acredita que uma reportagem sem offs, somente com imagens, trilha e depoimentos, no estilo documentário, algo parecido com o que a TV Folha faz, pode ser utilizada no telejornalismo diário?

Gelson Negrão pondera: “Depende muito da história. Em muitas delas, a estrutura tradicional tem uma função didática, orienta, informa com mais eficiência.” Mariana Fontanelli alerta sobre o tempo de edição. “Pode ser usada sim, mas demanda mais tempo de decupagem e edição. Para matérias factuais do dia fica quase inviável. Se houvesse um editor para pensar nisso e executar, daria. Mas as redações estão cada vez mais enxutas”.

Para Mariana Dourado, reportagem assim “pode ser extremamente útil e harmônica; tende a ser mais longa e reflexiva. Mas também depende de uma série de fatores que torna impraticável tornar essa estrutura como padrão no telejornalismo diário. Nesse caso, depende de um tempo maior de produção, de edição mais cuidadosa, e do próprio desempenho dos entrevistados”. Sandra Passarinho fala das diferenças dos formatos, “telejornalismo é uma coisa e o documentário é outra. São produtos que têm linguagem, ritmo, tempo e objetivos diferentes”.

5) Na sua opinião, esse padrão clássico de reportagem – off, sonora e passagem – tem contribuído para a queda na audiência dos telejornais?

Para Vera Íris, o motivo para a queda da audiência é outro. “O que tem contribuído é o volume de informação que a tecnologia proporciona ao público em geral. A velocidade da Internet se tornou poderosa quando se fala de divulgação da notícia. Esse fator deve ser levado em conta ao se fazer televisão hoje em dia. Como dar a notícia que já foi vista, lida ouvida, aprimorada, completada de forma eficaz e eficiente? Essa deve ser a pergunta dos novos telejornalistas. A busca não termina nunca. Mal começou. O desafio é maior do que imaginamos. E precisamos enfrentá-lo. O que fazer em termos de formatos indica para caminhos nunca antes navegados. Sem esquecer porém a qualidade da informação - a essência do nosso trabalho em qualquer meio ou veículo, em qualquer formato ou modelo”. O que é a opinião também de Sandra Passarinho. “Essa mudança é um desafio para emissoras no mundo inteiro, todos os formatos precisam ser repensados. Não há um caminho pronto, mas acredito que o jornalismo de tv vai continuar a conviver com outras mídias, ele não vai morrer”.

Izabelle Ferrari pensa diferente. “Na minha opinião o padrão clássico de reportagem é um dos elementos que fazem alguém mudar de canal ou deixar de ver tv pra procurar algo mais atrativo”. Opinião parecida com a de Herivelto Oliveira. “Creio que tem contribuído também. As reportagens são muito iguais, as passagens, os textos, os entrevistados, sempre os mesmos. Mas existem muitos outros fatores: a informação que chega na hora via internet e a proliferação e variedade dos canais a cabo só pra citar dois exemplos. Claro, as pessoas ainda buscam notícias na TV quando acontece um fato de repercussão inegável, quando há greves, em época de eleições (dia de debate ou no próprio dia do voto), mas sem dúvida está mais difícil manter o telespectador na sala.”

Mariana Dourado acrescenta. “Mas é claro que o formato tem influência para despertar ou não o interesse do público. Só que se você observar bem, as outras estruturas são esses mesmos elementos recombinados (off, sonora, passagem), ou baseadas em apenas alguns deles (sem off, ou só passagem, por exemplo). Como cada estrutura tem as suas vantagens e desvantagens, elas precisam ser combinadas de forma harmônica – pensando de maneira prática não só nas rotinas produtivas, mas nas formas que ficam mais atraentes para o telespectador, dependendo de cada especificidade do conteúdo e no equilíbrio do telejornal. Assim, na minha opinião, o que influencia o interesse da audiência é a forma como esses elementos são usados, o que vai além da estrutura em si, mas inclui a linguagem, o uso de recursos gráficos, o texto, a imagem e, principalmente, o conteúdo.” Mariana Fontanelli complementa que “quando a reportagem é bem feita e bem apurada, a audiência aumenta”.

6) A maioria dos telejornais tem promovido alterações nos formatos de apresentação – até o JN fez isso recentemente. Você acredita que esse caminho é suficiente para (re)conquistar o público ou as mudanças devem passar pelo formato das reportagens também? E quais seriam essas mudanças?

Para Vera Íris: “Esse caminho faz parte do desafio constante a que temos que nos submeter. Todo tempo é tempo de reformular, mudar, repensar e desenvolver projetos que possam aproximar o telejornal do público, fazê-lo perceber que existe uma preocupação nessa busca, nesse enfrentamento. Não há como negar que a tecnologia é parte integrante desse desafio e que ela pode contribuir de forma absoluta nessas mudanças. Então, vale se aproveitar desse e de outros diversos caminhos experimentais para mudar, aprimorar, realizar. Acredito que também

estamos caminhando para uma mudança, ou melhoria, na linguagem da narrativa das reportagens de TV”.

Dulcinéia Novaes: “Qualquer mudança sempre chama a atenção. O experimentar é uma constante no jornalismo. A inovação é inerente à busca pela audiência e envolve todo o processo produtivo. E o repórter se obriga a ser criativo, experimentar formas atraentes de levar informação ao público telespectador. Da mesma forma, a edição deve ser criativa e primar pelo bom acabamento do material bruto produzido em campo. Ao narrar ou fazer a passagem, cabe ao repórter fazê-lo com naturalidade, estabelecer um diálogo com esse público, qualidades que devem ser exercidas nessa rotina. Não existe uma receita pronta.”

Fernando Rodrigues: “Não é um problema do telejornalismo, é uma mudança do jornalismo. Antes, você precisava ter uma tv, um rádio ou jornal, estar parado em algum ponto pra poder consumir informação. Agora, se você tem um *smart* você se informa correndo, deitado, por áudio, por vídeo, em infográficos. Acho que a discussão sobre formato é importante, mas o que realmente deveria ser discutido é o conteúdo. O país mudou, o mundo mudou. As pessoas querem mais, o acesso a informação é imenso. Não dá pra entregar hoje o que se entregava 20, 30 anos atrás”.

Herivelto Oliveira: “Praticamente nos últimos 20 anos a TV tem mudado os telejornais: a presença de âncoras, apresentação de pé, o uso do telão, as cabeças conversadas, interatividade. Apesar de tudo isso, a queda continua, e acentuou-se mais nos últimos 5 anos. Creio que não há mágica. A audiência do telejornal vai continuar sendo dividida com séries, programas esportivos, novelas (que também não vivem um bom momento), filmes, desenhos. Creio que quem produz telejornais deve continuar fazendo um produto de qualidade, responsabilidade e preciso nas informações. A audiência deve ser a última preocupação, se é que jornalista tem que se preocupar com isso. Mas o fato é que quando o telespectador ligar no telejornal ele não vai se arrepender e vai encontrar ali exatamente o que estava procurando.”

Gelson Negrão: “A concorrência nunca foi tão acirrada. O telejornalismo perde público para outras mídias e sofre com o desinteresse pelo conteúdo, nem sempre em sintonia com as demandas do telespectador. Formato e linguagem são importantes, mas não decisivos. A percepção do público também mudou radicalmente. A televisão não detém mais o monopólio da informação e a fatia do bolo está diminuindo. Enquanto veículo, precisa se reinventar o tempo todo e jornalisticamente não pode ser uma via de mão única”.

Izabele Ferrari: “A mudança tem que passar pela reportagem também. Tem que ser vts mais dinâmicos, com mais elementos na tela, além de imagem: artes, *lettering*, computação gráfica, enfim, algo que prenda, que tenha muito mais que voz e imagem”.

Mariana Fontanelli: “Acredito que o público esteja cansado de ver os mesmos assuntos apresentados de uma mesma forma. Falta criatividade na pauta, falta um texto bem pensado. Falta questionar cada detalhe, antes de levar ao público. Acho que a televisão está sendo sugada pela internet, que tem de tudo, principalmente de baixa qualidade, e ainda não encontrou seu caminho. Não acho que o formato documentário seja a solução. Mas encontrar maneiras gostosas de apresentar as notícias ao público. E isso seria ter mais informações e melhores textos. O Jornal Hoje muitas vezes consegue. Outro exemplo é a reportagem sobre o lixo na baía de Guanabara, no Fantástico. Com off, sonora e passagem ficou maravilhosa. Nessa matéria também fica claro que os recursos visuais da editoria de arte são grandes aliados da televisão do presente e do futuro”.

Mira Graçano: “Teria que mudar a forma de fazer matérias, a forma de apresentar – de ‘conversar’ com o público. Talvez um dos caminhos seja desistirmos de querer ‘falar tudo para todos’, um mesmo telejornal para um público com tantas variações. Acredito na segmentação com audiências menores e mais qualificadas”.

Mariana Dourado: “Não, não é suficiente porque depende de um conjunto de vários fatores, entre apresentação, reportagem, interatividade, conexão com outros meios... e se eu soubesse exatamente quais devem ser essas mudanças eu estaria rica! Brincadeiras à parte, acredito que a tendência atual é a aproximação do formato com o público, investimento em conteúdos diferenciados, integração com outros meios e a exploração do que a tv tem de melhor: o ao vivo, que une milhares de pessoas no acompanhamento de transmissões de grande impacto/interesse”.

Sandra Passarinho: “Essa mudança é um desafio para emissoras no mundo inteiro, todos os formatos precisam ser repensados. Não há um caminho pronto, mas acredito que o jornalismo de tv vai continuar a conviver com outras mídias, ele não vai morrer”.

9 OS DESAFIOS DO PROFISSIONAL DE TELEJORNALISMO

Diante das respostas dos profissionais, percebeu-se que ocorreram muitas mudanças na rotina de trabalho do telejornalismo. Aqueles com mais experiência profissional deixaram claro

que o fator principal das mudanças foi a evolução da tecnologia. Quando Vera Íris Paternostro começou, o filme era ainda em preto e branco. Ela registra que a chegada do videoteipe foi uma grande novidade que facilitou o trabalho dos profissionais. Dulcinéia Novaes citou que as mudanças foram das fitas U-Matic às máquinas digitais.

Já para os mais jovens na profissão, como Mariana Dourado, as mudanças na produção incluem a busca pela aproximação com o público, o que causou transformações também na pauta, edição e linguagem. Sendo assim, o próprio público entrou como um agente produtor de conteúdo.

Em relação à estrutura padrão de um reportagem – off, passagem e sonora – implantada de uma forma natural no telejornalismo brasileiro (não há registro de uma data exata) descobriu-se que, hoje, com o fácil acesso à tecnologia, a equipe pode ousar na produção de uma matéria, saindo do clássico, permitindo mais liberdade na produção das reportagens. O repórter pode ser mais descontraído, não somente no jeito de escrever o texto, mas também na edição. A decisão de como começar a matéria é livre, pode-se iniciar com uma passagem de abertura, ou com uma sonora. Da mesma forma, se necessário e o fato permitir, repórteres podem optar por narrar os fatos no próprio local da notícia, o que muitas vezes acaba sendo eficiente e facilita o trabalho na edição. Paternostro considera esse formato inovador, deixa o telespectador mais próximo da notícia.

Já o estilo documentário, como a TV Folha faz, é um formato que demanda mais tempo, mas que pode ser utilizado nos telejornais. Compreendeu-se que esse estilo de reportagem é usado nos telejornais diários em matérias especiais. É um formato conceituado e que as emissoras aprovam. O importante é saber quando usar e sobre o que falar, por se tratar de um telejornal. Até mesmo para não haver ruídos entre a mensagem e o receptor, que nesse caso, são telespectadores.

Os profissionais também apontam a forte influência da internet na diminuição da audiência dos telejornais. Com isso é constante a evolução e mudanças no telejornalismo. O mercado requer um novo perfil de profissional, com funções multiplataforma. Hoje, o repórter deve saber lidar com a pauta, edição, etc. É preciso também estar sempre inovando e reinventando, mas não esquecer da boa apuração das pautas, um bom texto e uma edição dinâmica, técnicas que aprimoram as reportagens e atraem os telespectadores.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta pesquisa, percebeu-se, antes de tudo, o fascínio que a televisão provoca: o poder das imagens na telinha, que conquistou seu fundador, Assis Chateaubriand, e todos os brasileiros. Compreendeu-se também como foi grande o trabalho para colocar no ar, mesmo que no improvisado, inicialmente, o que antes só se ouvia pelo rádio.

Ainda com essa pesquisa entendeu-se a necessidade de o jornalismo na televisão estar sempre em evolução. O telejornalismo brasileiro passou e passa por grandes mudanças. No início, os profissionais de rádio eram os que faziam televisão, em seguida ingressaram os de jornais impresso, e foram aperfeiçoando até termos o profissional de hoje, aquele que sabe falar e escrever para a televisão.

Com esse estudo, foi possível certificar que a estrutura padrão de reportagem – off, passagem e sonora – foi implantada para ficar. Está e sempre estará presente nas reportagens, é o modo mais simples e claro de dar a notícia. Outros formatos, como a videorreportagem e o estilo documentário, fazem parte do telejornalismo, mas nem sempre devem ser usados, somente se necessário e se o tema permitir.

No entanto, a produção de uma reportagem deve ir além do formato padrão introduzido no telejornalismo brasileiro. O profissional deve saber ousar com determinação, responsabilidade e confiança. Usar o formato padrão como referência, mas buscar a inovação.

Compreendeu-se também a exigência de um novo perfil de profissional, que saiba trabalhar com todas as funções dentro da redação de um telejornal. A internet, ao mesmo tempo em que é uma grande aliada, deve ser vista também como uma forte concorrente. Hoje é muito mais fácil acessar portais de notícias do que sentar na frente da televisão e acompanhar um telejornal.

Diante disso, este artigo não só serve para responder questões, como pretende ser um campo de estudo para quem se interessa pela história da televisão e sobre como fazer telejornalismo, principalmente para aqueles profissionais que seguem a linha de raciocínio da inovação e criatividade na hora de produzir uma reportagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V. **TV Tupi: Uma linda história de amor**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

BARBEIRO, H. E LIMA, P.R. **Manual do Telejornalismo** – Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

MARTINS, E. **TELEJORNALISMO NA ERA DIGITAL**: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/434/383> Acessado em 07/06/2015.

MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história:1950-1990**. Salvador: ABAP, 1990.

MELLO, J. **Telejornalismo no Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt> Acessado em 20/03/2015.

MORAIS, F. **CHATÔ O REI DO BRASIL**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NODARI, S. **ÔNIBUS 174: A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E VOZ**. 2006. Disponível em: http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=43 Acessado em: 11/06/2015.

PARTENOSTRO, V. **O texto na TV** : Manual de Telejornalismo. São Paulo: Campus, 1999.

PRIOLLI, G. **O Campeão de Audiência** – Uma Autobiografia. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.

RAMOS, R. **Aqui, Agora**: Poder e Mito. Nº 9 Porto Alegre: Revista FAMECOS, 1998.

REZENDE, G **Telejornalismo no Brasil**: Um Perfil Editorial. São Paulo: Summus, 2000.

LINS DA SILVA, C.E. **Muito Além do Jardim Botânico** - Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

SOUZA, F.N. **Sem Imagem, Sem Voz**: O Telejornalismo Nos Tempos da Ditadura Militar. 2009 Disponível em: <http://www.intercom.org.br> Acessado em 12/05/2015.

SQUIRRA, S. **Aprender Telejornalismo**. Produção e Técnica. 2ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SQUIRRA, S. **Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro**. Petópolis: Vozes, 1999.

THOMAS, P. **A Linguagem Experimental da Videoreportagem**. 2006. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br> Acessado em: 09/06/2015.

VALIM, M. **Tudo sobre TV** - História da Televisão. 1998. Disponível em: <http://www.tudosobretv.com.br/> Acessado em 29/03/2015.